

O V CIDIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DE DIREITO E LITERATURA NO BRASIL

O V Colóquio Internacional de Direito e Literatura: Justiça, Poder e Corrupção foi realizado entre os dias 26 a 28 de outubro de 2016, no Teatro do SESI – Centro de Cultura “José Maria Barra”, na cidade de Uberaba, no interior de Minas Gerais, reunindo centenas de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

A quinta edição do CIVIL – que, atualmente, é o maior e mais importante evento em Direito e Literatura da América Latina – foi o resultado da parceria institucional entre o Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Guanambi (FG), a Rede Brasileira de Direito e Literatura (RDL) e a Universidade de Uberaba (UNIUBE).

Durante os três dias de atividades, os debates concentraram-se em torno dos eixos temáticos preestabelecidos – *justiça, poder e corrupção* –, possibilitando uma importante interlocução entre diversas comunidades acadêmicas afins (Direito, Letras, Psicologia, Sociologia, História, Antropologia, Filosofia, etc.), cujo fio condutor foi, precisamente, a capacidade das narrativas literárias de contribuir, efetivamente, para a formação e o desenvolvimento de uma compreensão crítica dos fenômenos jurídicos, políticos e sociais.

Buscou-se, assim, proporcionar um espaço de interlocução privilegiado para a reflexão acerca de temas que têm ocupado o centro das discussões travadas na sociedade brasileira, a partir da reflexão das obras de Shakespeare e de Cervantes, em homenagem aos 400 anos da morte de dois dos maiores nomes da literatura ocidental. A riqueza das representações do homem e do mundo que pode ser extraída das narrativas desses dois gênios conduz à ampla diversidade de temas jurídicos que as perpassam e que serão objeto de reflexão durante o evento, contribuindo para o desenvolvimento de um discurso crítico e autêntico acerca das ciências humanas e sociais aplicadas.

O evento contou com o patrocínio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e teve o apoio de diversas instituições, nacionais e internacionais: Casamundi Turismo e Cultura, Lemos & Cruz Livraria; Revista Brasileira de Direito Processual; Livraria do Advogado Editora; Editora Atlas; Empório do Direito; Núcleo de Direito e Psicanálise – UFPR; Literato – Grupo de Pesquisa em Direito e Literatura da – UFSC; Laboratório Internacional de Investigação em Transjuridicidade – LABIRINT/UFPB; Núcleo de Estudos Hermenêuticos – DASEIN/UNISINOS; Academia Brasileira de Direito Constitucional – ABDConst; Associação Brasileira do Ensino de Direito – ABEDI; Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito – CONPEDI; Iurisdictio – Lex Malacitana; Internacional Law Association – ILA; Italian Society for Law and Literature – ISLL; European Networks for Law and Literature – ENLL.

Aproveitamos esta Apresentação dos *Anais do V CIDIL* para fazer o registro e o balanço da execução da quinta edição do CIDIL, que abarcou diversas atividades: conferências, painéis, oficina, café literário, apresentações de trabalhos, grupos temáticos e lançamentos de livros, conforme se passa a relatar.

No primeiro dia (26/10), às 18h30min, houve a *Solenidade de Abertura*, que contou com a presença das autoridades acadêmicas, representando as instituições envolvidas no evento, seguida da homenagem ao centenário do nascimento de Mário Palmério (1916-2016).

Após a homenagem, às 19h30min, procedeu-se à *Conferência de Abertura: “Os moinhos de vento do direito contemporâneo”*, proferida pelo Prof. Dr. Lenio Luiz Streck (PPGD/UNISINOS), sob a presidência do Prof. Dr. André Karam Trindade (PPGD/FG).

Em sua conferência, utilizando inúmeras metáforas a partir da literatura com a finalidade de retratar a crise do Direito, Lenio Streck discorreu sobre aqueles que elegeram os sete “moinhos de vento” a serem combatidos pelos juristas no direito contemporâneo, com destaque para o positivismo jurídico – normativista, e não exegético –, o neoconstitucionalismo e seus sincretismos teóricos, a discricionariedade judicial e, igualmente, o ativismo.

Em seguida, às 20h30min, sob a mediação do Prof. Ms. Richard Crisóstomo Borges Maciel (UNIUBE), iniciou-se o *Painel I: Shakespeare e os labirintos do poder*”, ministrado pelo Prof. Dr. Alfredo Copetti Neto (PPGD/UNIJUÍ), que abordou a questão do poder, a partir das contribuições da mitologia, especialmente do mito do Minotauro, revelando as origens dessa problemática que marca a obra shakespeariana; e pelo Prof. Dr. José Garcez Ghirardi (PPGD/FGV) sustentou que a temática da autoridade e do poder, nos termos em que foram desenvolvidas por Shakespeare, antecipa a concepção maquiavélica – e outras acepções modernas –, demonstrando como o Bardo inglês, ao antecipar a modernidade, superou seu próprio tempo.

No segundo dia (27/10), as atividades foram retomadas às 9h30min, com o *Painel II: “O processo criativo na Arte e no Direito”*, mediado pela Prof^a. Dr^a. Thaísa Haber Faleiros (UNIUBE), do qual participaram o Prof. Dr. Marcílio Toscano Franca Filho (PPGD/UFPB), que discutiu os limites entre o que é arte e sua relação com o ordenamento jurídico, levantando uma série de questões acerca das formas de proteção das novas formas de representação artística, especialmente as artes urbanas, com ênfase no grafite; e o Prof. Dr. Marcelo Campos Galuppo (PPGD/UFGM), que utilizou o *efeito Droste* para articular o problema da trama recursiva e o exercício do poder constituinte, apontando a necessidade dele ser compreendido como um espelho que reflete o povo e sua história constitucional.

Em seguida, às 10h45min, ocorreu o *Painel III: Direito, moral e corrupção*, sob a mediação da Prof^a. Dr^a. Andréa Queiroz Fabri (UNIUBE), que contou com a presença do Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (PPGD/FDV), cuja intervenção baseou-se na conhecida peça *Medida por medida*, de Shakespeare; e do Prof. Dr. Diego Falconí Travez (USFQ/Equador), que discutiu o problema da corrupção social e da ética corporal a partir do drama cervantino: *El cerco de Numancia*.

À tarde, das 14h às 17h, houve as Apresentações de Trabalhos – realizadas simultaneamente em quatro salas –, de acordo com *Grupos Temáticos* estabelecidos para o V CIDIL: (GT1) *Justiça, Poder e Corrupção*, sob a coordenação do Prof. Dr. Alfredo Copetti Neto (PPGD/UNIJUI) e da Prof^a. Dr^a. Thaísa Haber Faleiros (UNIUBE);

(GT2) *Direito, Linguagem e Narrativa*, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a Hilda Soares Bentes (PPGD/UCP) e da Prof^a. Dr^a. Irene Freitas (PPGE/UNIUBE); (GT 3) *O Direito através da Literatura*, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Luciana Pimenta Ferreira (PUCMG) e da Prof^a. Dr^a. Andréa Queiroz Fabri (UNIUBE); (GT 4) *Direito e Humanidades*, sob a coordenação do Prof. Dr. Rafael Tomaz de Oliveira (PPGD/FG) e da Prof^a. Dr^a. Miriam Coutinho de Faria Alves (PPGD/UFS). As comunicações orais foram distribuídas e organizadas por *mesas*, conforme programação complementar.

Ainda na parte da tarde, às 17h30min, na Livraria Lemos & Cruz, realizou-se o *Café Literário*. Essa atividade lúdica, possibilitou uma maior interatividade entre professores, pesquisadores e alunos. Sob a condução da Prof^a. Dr^a. Angela Araujo da Silveira Espindola (PPGD/UFSM), os conferencistas e uma centena de participantes discutiram abertamente questões relativas à educação jurídica, ao modo de produção do conhecimento, aos desafios das ciências humanas e ao papel da literatura, além da leitura de poemas e da declamação de alguns versos.

À noite, às 19h, as atividades foram retomadas com o *Painel IV: Nada se cria, tudo se copia?*, sob a mediação da Prof^a. Dr^a. Irene de Lima Freitas (PPGE/UNIUBE), voltado à discussão hermenêutica relativa a re-produção dos textos e, sobretudo, de seus sentidos. De um lado, a Prof^a. Dr^a. Henriete Karam (PPGL/UFRGS) resgatou, desde a perspectiva literária, a importância das relações que se estabelecem entre autor, texto, narrativa e sociedade, assinalando que o caráter transgressor da literatura exsurge diante da necessidade de permanente reinvenção. De outro, desde a perspectiva jurídica, o Prof. Dr. Victor Garmeiro Drummond (PPGD/FG) abordou o clássico problema da construção das decisões judiciais à luz do direito de autor, recorrendo a temas como o processo criativo do sujeito-criador e a liberdade criativa do artista. A partir da metáfora do *juiz-plagiador* – temática de seu último livro –, sustentou que o juiz não dispõe da mesma liberdade do artista ao proferir suas sentenças, tendo em vista sua obrigação de manter coerente e íntegra a tradição constitucional.

Para encerrar as atividades da noite, às 20h30min, houve o *Painel V: A verdade e outras ficções jurídicas*, mediado pelo Prof. Dr. Lúcio Delfino (UNIUBE), que contou com a presença do Prof. Dr. Felipe Navarro Martinez (UMA/Espanha), para quem o

relevante é modo como a verdade é linguisticamente construída, sendo frequentemente identificada com aquilo que está na ordem da impossibilidade; e do Prof. Dr. Jacinto Nelson de Miranda Coutinho (PPGD/UFPR), cuja intervenção remeteu a Otelo, de Shakespeare, para desvelar o problema da ilusão jurídica com a verdade, a ser compreendida como uma ficção, especialmente quando associada ao processo e apropriada pela dogmática.

No terceiro dia (28/10), as atividades foram reiniciadas às 9h30min, com o *Painel VI: Alegorias do poder e da corrupção*, sob a mediação da Prof^a. Dr^a. Adriana Marques Aidar (UNIUBE), composto pela Prof^a. Dr^a. Vera Karam de Chueiri (PPGD/UFPR), que retratou Shakespeare como um verdadeiro filósofo do Direito, e pelo Prof. Dr. Alberto Vespaziani (UNIMOL/Itália), que problematizou a relação juízes-poder-corrupção por meio de uma obra do século XIV: *Decamerão*, de Bocaccio.

Após o intervalo, às 10h45min, ocorreu o *Painel VI: A justiça risível e a saga dos direitos humanos*, mediado pelo Prof. Ms. Eduardo de Carvalho Azank Abdu (UNIUBE), que abordou a questão da justiça e dos direitos humanos à luz de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. De um lado, a Prof^a. Dr^a. Melina Girardi Fachin (PPGD/UFPR), retomando a oposição entre fantasia e realidade, analisou o problema da constante busca pela realização dos direitos humanos. De outro, o Prof. Dr. José Calvo González (UMA/Espanha) dedicou sua intervenção ao escritor Leon Felipe, ao propor interessante e profunda reflexão acerca do anti-herói cervantino e seu destino circense, e enfrentar o tema da (im)possibilidade da justiça e da luta quixotesca pela concretização do dever ser. Dom Quixote, invencível porque nunca se rende, porque nunca morre, porque se renova a cada aventura, deveria ser uma inspiração a todo os juristas.

À tarde, das 14h às 17h, prosseguiram os quatro *Grupos Temáticos*, por meio de diversas mesas que reuniram as comunicações orais. Sob a presidência dos coordenadores, os pesquisadores – de todos os níveis (graduação, mestrado e doutorado), apresentaram e discutiram seus trabalhos entre si, promovendo a interlocução e a troca de experiências acadêmicas.

Às 17h30min, no auditório da biblioteca, houve a *Oficina: A linguagem (jurídica) e os jogos de poder*, ministrada pelo Prof. Dr. Dino del Pino (RDL), que discorreu sobre a produção de diferentes tipos de discurso – jurídico, midiático, literário – e suas funções na sociedade, fornecendo inúmeros exemplos didáticos para ilustrar os usos linguísticos que perfazem os jogos do poder.

Às 19h, realizou-se a Assembleia Geral Ordinária da Rede Brasileira Direito e Literatura, à qual compareceram seus associados para deliberar sobre a ordem do dia, ocasião em que três programas de pós-graduação em Direito (UFPR, UFPB, UCP) habilitaram suas candidaturas para sediar a próxima edição do evento (VI CIDIL).

Em seguida, as atividades da noite foram retomadas com o *Painel VIII: Shakespeare e o direito no século XXI*, mediado pelo Prof. Ms. Alexandre Correa do Espírito Santo (UNIUBE), que contou com a presença do Prof. Dr. Cristiano Paixão (PPGD/UNB) e do Prof. Dr. Arnaldo Godoy (PPGD/UNICEUB). Ambos compartilharam da mesma premissa – “o que um escritor do século XVI tem pra nos dizer?” – demonstrando que as questões políticas, morais e sociais enfrentadas por Shakespeare – entre elas a tríade justiça, poder, corrupção – são absolutamente atuais, o que possibilita as inúmeras releituras de suas obras, sempre caracterizadas pela complexidade das personagens e pela ambiguidade das narrativas. Trata-se, em suma, de um gênio da literatura. Foi ele quem, de certo modo, criou a modernidade, ao explorar a condição humana de uma maneira até então inédita, contribuindo assim, de maneira decisiva, para a invenção do humano, tal qual sugere Harold Bloom.

No intervalo, ocorreu o lançamento de livros dos seguintes participantes: *Os modelos de juiz*, de André Karam Trindade e Lenio Luiz Streck (ed. Atlas), obra que conta com a participação de diversos conferencistas, além de ter sido indicada ao prêmio Jabuti 2016; *Em busca do juiz plagiador*, de Victor Garmeiro Drummond (ed. Empório do Direito); e *Shakespeare e Cervantes: diálogos a partir do Direito e Literatura* (ed. Letramento), de Luciana Pimenta e Bernardo Nogueira.

Ao final da noite, houve a tão aguardada *Conferência de Encerramento: Mudar o mundo – justiça ou utopia?*, ministrado pelo Prof. Dr. Jorge Douglas Price (UNCOMA/Argentina), que discorreu sobre o modo como a utopia é representada na

obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e especialmente a maneira como sua atualidade ainda inspira os dias de hoje, sobretudo em razão do efeito performativo da literatura. Trata-se do livro mais importante da literatura. Sua leitura é fundamental aos juristas. Isso porque, embora frequentemente a utopia seja associada à loucura e, portanto, afaste-se da razão – basta recordar que, com a modernidade, a loucura deixa de ser o lugar do mal, para representar aquilo que não pode ser dito, conforme a conhecida lição de Foucault –, Quixote demonstra que os “loucos” são aqueles que têm a capacidade de ver o que ninguém vê. E, por isso, eles são imprescindíveis, como diz a bela canção *The Impossible Dream*, no filme *Man of La Mancha* (1972), estrelado por Peter O'Toole e Sophia Loren.

Ao longo de três dias de intensa programação, um público de 544 (quinhentas e quarenta e quatro) pessoas, vinculadas às mais diversas áreas do conhecimento – como, por exemplo, Direito, Letras, Artes, Filosofia, História, Sociologia, Psicanálise etc. – prestigiou o evento. Nesta edição, em que houve um significativo crescimento do número de participantes que são alunos de pós-graduação, estiveram presentes pesquisadores e estudantes de todas as regiões do Brasil, representando 17 (dezesete) unidades da federação: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí, Paraíba, Maranhão, Amazonas e Acre), além de centros de investigação estrangeiros.

O rol de conferencistas foi formado por renomados professores – com destaque especial para a presença dos estrangeiros, vindos da Itália, Espanha, Argentina e Equador –, reconhecidos por suas pesquisa e produções intelectuais no campo dos estudos do Direito e Literatura, nacional e internacionalmente, totalizando 28 (vinte oito) convidados, todos preocupados em aprofundar as interfaces existentes entre o Direito e a Literatura, em razão da abertura (hermenêutica) proporcionada pelas narrativas literárias à compreensão dos fenômenos jurídicos sociais, tendo em vista sua importância para a formação humanista dos juristas.

Ao discutir os temas propostos – *Justiça, Poder e Corrupção* –, sempre articulados sob a perspectiva do Direito e Literatura, o V CIDIL gerou a produção de um conhecimento inovador e interdisciplinar, fortalecendo o desenvolvimento de um discurso crítico e autêntico acerca das ciências humanas e sociais aplicadas, contribuindo para o estímulo e a difusão das pesquisas em Direito e Literatura desenvolvidas no Brasil, ampliando o diálogo entre pesquisadores de diversas instituições e a interlocução com pesquisadores e instituições estrangeiras, colaborando para a difusão e transmissão do conhecimento, bem como para o fortalecimento da função social da Universidade na formação de recursos humanos, e reforçando a importância que os estudos e pesquisas em nível de mestrado e doutorado representam para o aprimoramento da produção acadêmica.

A maior prova disso é o número de trabalhos inscritos para os GTs: a Comissão Científica aprovou um total de 99 (noventa e nove) resumos, de autoria de 139 (cento e trinta e nove) pesquisadores, de graduação e pós-graduação, que representaram instituições de ensino superior de 17 unidades da federação (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MG, DF, GO, MS, BA, PE, PB, PI, MA, AC e AM), além de centros de investigação estrangeiros (Peru, Argentina e Espanha). Nestes Anais, encontram-se publicados 39 artigos oriundos dos trabalhos apresentados nos GTs, sendo seus autores vinculados a diversas instituições de ensino superior e com diferentes graus acadêmicos.

O volume I contém 21 (vinte e um) dos trabalhos apresentados no GT1: *Justiça, poder e corrupção*, que abarcou estudos e pesquisas que contemplem as relações entre justiça, poder e corrupção a partir de elementos figurativos ou temáticos presentes em obras literárias; e no GT3: *O direito através da literatura*, no qual se inseriram investigações em que as narrativas literárias exsurgem como fonte para a reflexão crítica do Direito, possibilitando discutir o papel da lei, as representações da justiça, a aplicação das normas jurídicas etc.

O volume II traz 18 (dezoito) dos trabalhos apresentados no GT2: *Direito, linguagem e narrativa*, de matiz teórico e cujo foco foram as reflexões acerca de temas como linguagem, discurso, normatividade, hermenêutica, tradução, retórica e educação

jurídica; e no GT4: *Direito e Humanidades*, que congregou pesquisas que exploram as inúmeras intersecções com a arte, abrangendo a música, o cinema, as artes plásticas e as histórias em quadrinhos.

O balanço do V CIDIL e a edição desta publicação nos permitem constatar que a tarefa a que nos propomos foi cumprida a contento, restando a certeza de que o CIDIL tornou-se algo verdadeiramente importante no cenário da pós-graduação em Direito. Todos os anos ele nos constrange a rever nossos posicionamentos e nos permite reencontrar os amigos que compartilham essa jornada interdisciplinar. Com isso, ele nos revigora. O que é, sem dúvida alguma, fundamental para todo pesquisador.

Esperando que compartilhem de nosso entusiasmo, desejamos a todos uma boa leitura!

André Karam Trindade
Henriete Karam
Editores